



CORPO, GÊNERO E TECNOLOGIA NO ESPORTE OLÍMPICO

Carlos José Martins ¹

CASO I

Andreas Krieger está processando o Estado alemão em razão dos sérios danos físicos e psicológicos a que foi submetido ao longo de sua vida desportiva. Quando iniciou sua carreira de atleta aos quatorze anos atendia pelo nome de Heidi. Andreas que hoje faz a barba três vezes por semana era uma jovem nascida no lado comunista de Berlim à época República Democrática Alemã (RDA). Sonhava, então, em disputar a prova de arremesso de peso em uma edição dos Jogos Olímpicos.

A partir dos dezesseis anos lhe foi prescrita, como suplemento vitamínico, a ingestão de uma pílula azul que lhe era oferecida sistematicamente embrulhada em papel laminado. Aos dezoito anos pesava 100 quilos. A substância proporcionou performances esportivas inacreditáveis e lhe deu status de ídolo na então Alemanha Oriental. Aos 21 anos sagrou-se campeã européia. No entanto, as cápsulas alteraram seu organismo, transformaram suas características sexuais mudando definitivamente toda sua existência.

As pílulas que ingeriu não continham vitaminas. Na verdade, tinham em seu interior esteróides anabólicos, substâncias sintéticas análogas às funções do hormônio masculino testosterona. Embora proibidas no esporte, são significativamente utilizadas para aumentar força e potência dos músculos no esporte de alto rendimento. Os efeitos colaterais causam "virilização" nas mulheres de acordo com os especialistas: a voz engrossa, os pêlos crescem, a musculatura se desenvolve e a agressividade aumenta vertiginosamente. Nas palavras de Kriger: "Meu corpo ficou tão estranho que não me reconhecia no espelho. Não tinha vontade de ser mulher! Não sabia mais o que era".²

Em meio à crise que se instalou em sua vida chegou a passar por uma tentativa de suicídio. Mas aconselhado por alguém que passara por uma experiência semelhante, procurou solucionar sua dramática situação, tomando uma decisão drástica. Em 1997 procurou auxílio médico e resolveu fazer uma cirurgia para trocar de sexo. Entretanto, como podemos depreender de suas próprias

¹ Doutor em Filosofia Contemporânea. Professor PPG Desenvolvimento Humano e Tecnologias – Dpto. de Ed. Física – UNESP/Rio Claro. carlosjmartins@hotmail.com

² ROSEGUINI, Guilherme. "Doping sexual" leva alemã(o) à Justiça. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 maio de 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0105200526.htm> . Acesso em: 01 maio de 2009



palavras a solução ainda mostrou-se insatisfatória: "A Heidi morreu. Sinto-me melhor assim. Só que os danos psicológicos permanecem".³

De acordo com os especialistas, a dosagem anual de 2.590 miligramas ministrada aos atletas é considerada uma quantidade exorbitante, pois aumenta força muscular na mesma proporção que dilapida o organismo. Aos 18 anos Krieger, já era a melhor do seu país e se destacava em eventos internacionais na prova do arremesso de peso. Em 1986, conquistou a medalha de ouro e bateu o recorde continental no Campeonato Europeu de atletismo. "Passava o dia repetindo movimentos e não sentia dor. A sensação agradava muito."

No entanto, antes de disputar uma vaga nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988, já tinha lesões irreversíveis em tendões e ligamentos. A sobrecarga de esforço na tentativa de continuar disputando a modalidade até 1991 deixou sua estrutura osteo-muscular totalmente comprometida. Não tinha mais condições de competir em razão dos efeitos colaterais do uso sistemático dos anabolizantes e do intenso treinamento.

De acordo com Krieger, ninguém desconfiava das pílulas porque seu uso era extremamente corriqueiro. "Na década de 70, não se falava em doping ou em esteróides. Só passei por um teste em toda a minha carreira. Apesar de tomar esteróides diariamente, nada foi detectado. A tecnologia do doping era muito superior à dos testes."⁴

A mutação sexual trouxe mais um percalço para a vida de Krieger. O alemão tem de ir ao consultório do médico para tomar uma injeção de testosterona toda semana. "Quando eu não tomo a injeção, minha voz afina e começo a ficar irritado com qualquer coisa. Minha mulher não me suporta nesses períodos", relata. Para cobrir os custos do tratamento e viver com mais dignidade, expressa a intenção inabalável de levar até as últimas conseqüências a ação indenizatória contra o Estado alemão. Entretanto, tem plena consciência que dinheiro algum reverterá o que está passando.

Não sou herói, não tenho orgulho de nada do que conquistei. Queria ter uma chance de retornar no tempo. Queria ter perguntado ao meu treinador o que havia naquela maldita pílula azul.⁵ (ROSEGUINI, 2005)

Krieger, hoje com 44 anos, ajuda um grupo de conterrâneos vítimas do mesmo abuso que sofreu na busca de reparações junto à Justiça pela lesão sem precedentes que o doping já infringiu ao esporte. A luta na qual estão engajados revela o episódio de proporções mais alarmantes de investimento tecnológico e financiamento do doping pelo Estado. A então Alemanha Oriental, entre

³ Ibid

⁴ Ibid

⁵ Ibid



1972 e 1988, obteve um desempenho estupendo em medalhas olímpicas – esteve no pódio 384 vezes, apesar de boicotar os Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984. A razão de tamanha performance, no entanto, se devia à estatal Jenapharm, que controlava a indústria farmacêutica sob as ordens dos líderes comunistas. Hoje uma empresa privada, quando inquirida sobre o assunto declara:

Quem direcionava os esteróides para os atletas eram seus treinadores ou alguns dirigentes. Eles não eram produzidos com esse fim. Por isso, a Jenapharm não pode assumir responsabilidades sobre esse caso.

Com a queda do Muro de Berlim em 1989 os atletas da Alemanha Oriental passaram a denunciar estes casos de abuso, que colocaram sob suspeita os títulos obtidos pelo país nas décadas de 70 e 80. Até recentemente, pelo menos 160 foram à Justiça ratificando a mesma denuncia de Krieger: alegam que pílulas de função desconhecida comprometeram seus corpos. Em 1993 ficou provado que o papel laminado continha o esteroide anabolizante Oral-Turinabol.

Este caso extremo apenas ilustra de forma aguda o que já era objeto de suspeitas e indícios crescentes ao longo dos últimos 60 anos do esporte olímpico, com ênfase especial no período da Guerra Fria. Neste aspecto, os países da então chamada “cortina de ferro” não detêm a exclusividade.

CASO II

Também em Seul (1988), a principal atleta de corrida com barreiras da Espanha, Maria Patiño, foi reprovada no teste de sexualidade. Embora parecesse uma mulher, tivesse as qualidades físicas compatíveis com as demais mulheres, os exames constataram que as células de Patino tinham um cromossomo Y, ela possuía testículos internos ocultos e não possuía útero nem ovários. Portanto, para os parâmetros do COI, ela não poderia ser considerada uma mulher.⁶

As conseqüências para a atleta foram drásticas. Patino foi impedida de participar da olimpíada e desligada da delegação olímpica espanhola. Após o retorno a sua pátria, tendo se recusado a simular um acidente para encobrir a verdadeira razão de sua não participação nos jogos e impedir um inevitável escândalo na imprensa, pagou um alto preço. Teve os seus títulos retirados, foi proibida de voltar a competir, abandonada pelo namorado, bem como teve revogada sua bolsa de estudos e foi despejada da moradia atlética nacional. Seus doze anos de dedicação ao esporte não impediram que sua imagem fosse totalmente desfeita como se nunca tivesse existido.

⁶ FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu* (17/18), p. 9-79, 2001/2002.



Após vultosos investimentos financeiros em um périplo consultando especialistas em medicina, obteve finalmente um diagnóstico para o seu caso. Patino era portadora de uma *Síndrome de Insensibilidade ao Andrógeno*. Em outras palavras, ainda que possuidora de um cromossomo Y e testículos com produção normal de testosterona, não desenvolveu características masculinas porque suas células estavam incapacitadas de captá-lo. Na puberdade, como ocorre com todos os homens, seus testículos produziram estrógeno que, aliado à sua incapacidade orgânica de assimilação da testosterona, possibilitaram o desenvolvimento de características femininas como desenvolvimento de seios e conformação dos quadris e da cintura. Por conseguinte, à revelia de possuir cromossomo e glândulas masculinas desenvolveu-se como mulher.⁷

A atleta decidiu então confrontar o COI. Aliou-se à bióloga e ex-atleta Alison Carson e elaboraram um processo de defesa. Patino passou por uma série de exames médicos para avaliar se sua estrutura era suficientemente feminina para competir como mulher. Ao fim e ao cabo de uma longa jornada, a Federação Internacional de Atletismo a readmitiu e, pouco mais tarde, ela foi reintegrada à equipe olímpica espanhola. Tal fato fez dela o primeiro caso histórico de contestação do teste de sexo adotado pelo COI. No entanto, o COI permaneceu inflexível aferrado à idéia de que um teste científico mais evoluído poderia identificar o “verdadeiro” sexo dos atletas.

Até 1968 o teste de sexo configurava-se enquanto uma *anátomo-política*. As atletas expunham seus corpos nus a um comitê de especialistas de modo a certificar se sua morfologia era compatível com a feminilidade. Caso tivesse competido até esta época, Patino não teria problemas com sua identidade sexual. A partir de então o teste foi modernizado com a adoção do teste científico cromossomial nos XIX Jogos olímpicos do México. Por conseguinte, um novo critério é estabelecido não mais com base na anatomia e sim tomando como referência identitária da vida sexual o chamado “código da vida”. Portanto, será a genética o parâmetro da nova *bio-política* adotada.

CASO III

Dentro deste quadro, causa espécie a medida adotada pelo COI às vésperas das olimpíadas de Atenas 2004, que despertou uma imensa polêmica na imprensa.

Pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos admite-se a possibilidade de atletas transexuais poderem competir de acordo com sua sexualidade corrigida. "Não haverá mais discriminação. O COI respeitará os direitos humanos" segundo afirmação do diretor médico do

⁷ Ibid, p. 12.



Comitê Olímpico Internacional Patrick Schamasch. Foi concebido um relatório onde todos os médicos consultados concordaram que os transexuais teriam “permissão de competir com seus sexos corrigidos”. Tal deliberação do COI foi tomada após reunião de especialistas em medicina na Suécia, no mês de outubro de 2003, que tratou do tema. Os peritos concordaram por unanimidade que os e as transexuais poderiam competir em sua sexualidade corretamente alterada.⁸

Ora, as coisas não foram sempre assim. Faço um breve parêntesis para contextualizar historicamente e reconsiderar a questão da suposta evidência da separação dos sexos para posteriormente tecer algumas análises.

Para refletir sobre a historicidade do sexo, faço uma resumida menção à pesquisa de Thomas Laqueur em seu livro *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos até Freud*, segundo quem “as diferenças que fazem diferença são historicamente determinadas”⁹. Ao pesquisar a variação histórica da idéia de sexo, Laqueur mostra que a noção de diferença sexual ou a própria idéia de dois sexos biológicos distintos é uma concepção que pode ser historicamente contextualizada em torno dos séculos XVIII e XIX. Os significados da diferença sexual mudaram no decorrer do tempo de um modelo de sexo único, onde a mulher era uma versão menos perfeita do homem, para, a partir do final do século XVIII, um modelo de dois sexos, em que a mulher é o oposto incomensurável do homem. Homens e mulheres passam, então, a serem comparados pelo padrão da descontinuidade/oposição e não mais da continuidade/hierarquia.¹⁰

No modelo de sexo único, homens e mulheres tinham o mesmo sexo. Em vez de serem divididos por suas anatomias reprodutivas, homens e mulheres eram ligados por um sexo comum. O homem era mais desenvolvido, o modelo da perfeição. Neste mundo, as fronteiras entre masculino e feminino eram de grau e não de espécie, e os órgãos reprodutivos eram apenas um sinal entre muitos do lugar do corpo em uma ordem cósmica e cultural que transcendia a biologia. Não havia necessidade de desenvolver um vocabulário preciso da anatomia genital, pois os marcos orgânicos distintos importavam muito menos que as hierarquias metafísicas que eles ilustravam. As mulheres tinham os mesmos órgãos que os homens, porém projetados para dentro. Elas eram homens invertidos e, conseqüentemente, menos perfeitas, pois sua quantidade de calor era menor.

⁸ OLIVEIRA, Luciana de. Olimpíadas aceitarão atletas Transexuais operados em 2004. Disponível em: http://www.athosgls.com.br/noticias_visualiza.php?arcd_artigo=1471.

⁹ LAQUEUR, Thomas. *Inventando do sexo*. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.p. 95.

¹⁰ LAQUEUR, Thomas. *Inventando do sexo*. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.



Neste período, o chamado sexo biológico não oferecia um fundamento sólido do feminino e do masculino. Não havia um sexo verdadeiro e essencial que diferenciava homens de mulheres – esta é uma questão moderna. Por conseguinte, as diferenças sexuais eram uma questão de grau e de *status* e não de espécie.

Um exemplo desta mudança na forma de conceber o sexo é a história do estatuto que a medicina e a justiça concederam aos hermafroditas. Como demonstrou Michel Foucault em *O verdadeiro sexo* apresentação para *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*, muitos séculos se passaram até que se postulasse que um hermafrodita deveria ter um único e verdadeiro sexo.

As teorias biológicas da sexualidade, as concepções jurídicas do indivíduo, as formas de controle administrativo nos Estados Modernos, acarretaram pouco a pouco a recusa da idéia de mistura dos dois sexos em um só corpo e conseqüentemente à restrição da livre escolha dos indivíduos incertos. A partir de então, um só sexo para cada um. A cada um sua identidade sexual primeira, profunda, determinada e determinante; quanto aos elementos do outro sexo que possam eventualmente aparecer, eles são apenas acidentais, superficiais, ou mesmo simplesmente ilusórios. Do ponto de vista médico, isso quer dizer que não se trata mais de reconhecer no hermafrodita a presença dos dois sexos justapostos ou misturados, nem de saber qual dos dois prevalece; trata-se, antes, de decifrar qual o verdadeiro sexo que se esconde sob as aparências confusas; o médico terá que de certo modo despir as anatomias enganadoras, e reencontrar por detrás dos órgãos que podem ter encoberto as formas do sexo oposto, o único sexo verdadeiro. Para os que sabem olhar e examinar, as misturas de sexo são apenas disfarces da natureza: os hermafroditas são sempre “pseudo-hermafroditas”.¹¹

Foucault demonstra como, do ponto de vista jurídico, isso implica no desaparecimento da livre escolha, pois será transferido ao perito a autoridade de dizer que sexo a natureza escolheu. Por outro lado, o filósofo reconhece perfeitamente que a medicina do século XIX e XX corrigiu muitas coisas com relação a esse simplismo redutor. Admite-se também, aliás, com muita dificuldade, observa o filósofo, a possibilidade de um indivíduo adotar um sexo que não é biologicamente o seu. No entanto, a idéia de que se deve ter um verdadeiro sexo está longe de ser dissipada.

Seja qual for a opinião dos biólogos a esse respeito, encontramos, pelo menos em estado difuso, não apenas na psiquiatria, psicanálise e psicologia, mas também na opinião pública, a idéia de que entre sexo e verdade existem relações complexas, obscuras e essenciais.¹²

Fim do parêntesis histórico.

Uma série de prescrições são exigidas de modo a que os/as atletas transexuais venham a cumprir todo um processo de transição de gênero para poderem competir: deverão ter passado por cirurgia completa (interna e externa) de troca de sexo, se submeter pelo menos por dois anos a terapia hormonal e viverem de acordo com sua sexualidade juridicamente corrigida desde antes da qualificação para os Jogos.

¹¹ FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbine: o diário de um hermafrodita*. Trad. Irley Franco. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.1982, p. 2.

¹² *Ibid.*, p. 3.



A suspeita de atletas transexuais tentarem competir entre as mulheres apareceu por diversas vezes nas edições dos Jogos Olímpicos, razão pela qual o teste sexual foi adotado e aperfeiçoado. Contudo, nas últimas Olimpíadas de Atenas, foram, em tese, adotados cuidados para admitir a inclusão dos atletas transexuais, assim considerados, quando clara e devidamente diagnosticados. Os transexuais passariam por uma bateria de testes depois de suas cirurgias de mudança de sexo, que determinariam as condições a serem preenchidas (período de carência, etc.), que seriam negociadas, e só então o atleta poderia competir contra outras pessoas de seu novo sexo. Resta-nos indagar os reais motivos da adoção de tais medidas.

Até 1999 o COI fazia testes de verificação de gênero nos atletas olímpicos mas desistiu de fazê-los nos Jogos de Sydney em 2000 quando várias atletas mulheres não atingiram os padrões de cromossomos femininos, constatando-se que nem todas as mulheres têm o número padrão de cromossomos femininos. Além disso, vários atletas apresentam genitália ambígua, casos de hermafroditismo e outras variações congênicas. Ademais, existe ainda a questão jurídica do direito garantido à privacidade.¹³

Por outro lado, a autorização da participação de transexuais é comparada ao doping. Os procedimentos exigidos para a mudança de sexo são considerados por alguns um certo tipo de doping. Uma vez que tais procedimentos consistem, de uma forma ou de outra, na introdução de substâncias no corpo, tais como hormônios sintetizados, conseqüentemente seria um procedimento análogo ao doping.

Para os fisiologistas, os atletas homens, mesmo operados e tomando estrógeno (hormônio feminino), têm a vantagem esquelética e podem manter a massa muscular. No entanto, os médicos do COI alegam que o tratamento com estrógeno por pelo menos dois anos, além da cirurgia, seria suficiente para que as características masculinas fossem minimizadas. A partir daí estabeleceu-se uma intensa polêmica.

Conforme alertam os fisiologistas, quando se trata de desempenho de alto nível o problema ganha outros contornos, pois um atleta que tenha passado pela cirurgia de mudança de sexo, se continuar o treinamento, consegue manter boa parte do grau de condicionamento que tinha antes de mudar. Ademais, se a cirurgia de mudança de sexo for feita após a puberdade, tal como contemplado pela nova medida do COI, a composição corporal do homem já se estruturou sob a influência da testosterona.

Mais uma vez, o que chama a atenção é o fato das medidas adotadas equivalerem-se ao uso de doping. Tal fato é nitidamente apontado pelos especialistas. Turíbio Leite de Barros,

¹³ OLIVEIRA, Luciana de. Olimpíadas aceitarão atletas Transexuais operados em 2004. Disponível em: http://www.athosgls.com.br/noticias_visualiza.php?arcd_artigo=1471.



coordenador do Centro de Estudos de Medicina da Atividade Física e do Esporte, da Escola Paulista de Medicina declara.

Se a pessoa sempre esteve envolvida em treinamento físico, poderá perder parte do benefício obtido quando produzia o hormônio masculino, mas não todo. A gente pode afirmar isso baseando-se em casos semelhantes, como os de atletas que fazem uso de doping. O que acontece com um transexual é o mesmo que com um indivíduo que um dia usou anabolizante e depois suspendeu o uso. Ele teve ganho de massa; se treinar, consegue manter.¹⁴

Considerações finais

A preocupação com a identidade sexual, sobretudo das competidoras esteve sempre presente na história dos jogos olímpicos. Com efeito, tal preocupação ganha contornos mais agudos com o advento do uso do teste científico do cromossomo a partir do final dos anos sessenta.

Todavia, este teste, como também a sofisticada reação bioquímica para detectar regiões do DNA relacionadas com o desenvolvimento das glândulas responsáveis pela produção do hormônio masculino que o COI utilizava até então, não podiam fazer o que o COI pretendia que fizessem: fixar de uma vez por todas, através de um teste “científico” o verdadeiro sexo de cada atleta, tal como nos afirma a bióloga e ativista FAUSTO-STERLING:

O sexo de um corpo é simplesmente complexo demais. Não existe o isto ou aquilo. Antes, existem nuances de diferença, [...] rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social. Podemos utilizar o conhecimento científico para nos ajudar a tomar a decisão, mas só nossas crenças sobre o gênero – e não a ciência – podem definir nosso sexo. Além disso, nossas crenças sobre o gênero também afetam o tipo de conhecimento que os cientistas produzem sobre o sexo.¹⁵

Costuma-se remeter constantemente ao biológico como sendo o critério para determinar o sexo dos indivíduos. No entanto, de acordo com o que podemos depreender das palavras da bióloga Fausto-Sterling, mesmo a instância científica que poderia garantir de uma vez por todas a natureza da diferença sexual oscila recorrentemente ao tentar fixar um parâmetro definitivo. Tal como no exemplo da obra de Thomas Laqueur, uma história crítica da ciência neste campo, ou, uma arqueologia de seus saberes como preferiria Foucault, mostraria suas descontinuidades e as sucessivas tentativas de recomposição do paradigma hetero-normativo sob novos padrões científicos. Portanto, até prova em contrário, não há uma natureza da diferença sexual na qual possamos nos fundamentar.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu** (17/18), p. 9-79, 2001/2002, p. 15.



Contudo, embora apresentem uma nova configuração, estas medidas do COI – que alegam respeitar os direitos humanos e acenam atender a legítimas demandas de uma determinada performatividade dos corpos, dos sexos e dos gêneros na contemporaneidade – não parecem abandonar o seu caráter dualista e hetero-normativo. Na expressão literal divulgada pela entidade máxima do esporte olímpico os/as transexuais só teriam “permissão de competir com seus sexos corrigidos”. Ora, ao que tudo indica não se trata do advento de uma era pós-gênero, tendo em vista os recursos médicos e tecnológicos disponíveis para intercambiá-los e hibridizá-los. Outrossim, neste campo, o que se anuncia atualmente é uma nova conformação dos corpos, dos sexos e dos gêneros, não mais divididos pela determinação divina ou da natureza, mas pelos novos poderes tecnocientíficos da medicina, pretensa detentora da verdade dos corpos, dos sexos e dos gêneros em nossa atualidade.

Referências

- BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: BORDO, S. (Org.) *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise (Org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu* (17/18), p. 9-79, 2001/2002.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I. A vontade de saber*. 12 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997. 152 p.
- _____. *Herculine Barbine: o diário de um hermafrodita*. Trad. Irley Franco. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando do sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- e suas configurações históricas. *Revista do CBCE*. 21 (1), p. 1635, set. 1999.
- OLIVEIRA, Luciana de. Olimpíadas aceitarão atletas Transexuais operados em 2004. Disponível em: http://www.athosgls.com.br/noticias_visualiza.php?arcd_artigo=1471.
- ROSEGUINI, Guilherme. "Doping sexual" leva alemã(o) à Justiça. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 01 maio de 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0105200526.htm>. Acesso em: 01 maio de 2009